

CARTA ENCÍCLICA *LAUDATO SI'* - SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM PAPA FRANCISCO, 2015

MARINA PRIETO AFONSO LENCASTRE¹

Universidade Fernando Pessoa

«Nada neste mundo nos é indiferente». Esta é uma das primeiras afirmações da Encíclica *Laudato Sí* (Louvado sejas), que dá logo de início o mote para a preocupação e cuidado globais expressos ao longo do texto. O título recorda uma das orações mais conhecidas de Francisco de Assis, a figura do cristianismo que inspira o papado de Francisco e é o grande exemplo da mística ecológica cristã. É a primeira Encíclica a abordar explicitamente as questões ambientais globais através das suas dimensões culturais, sociais, económicas e políticas. A Encíclica tem múltiplas referências aos predecessores do Papa Francisco e contém, pela primeira vez numa Encíclica, a citação de um místico do sufismo (Ali Al-Khawwas) e a contribuição do Patriarca Ecuménico Bartolomeu. Este ecumenismo na letra abre ao universalismo de facto, porque esta Encíclica pretende dirigir-se não só aos cristãos, mas «a cada pessoa que habita neste planeta» para que cresça uma «solidariedade universal» que una «toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral».

A Encíclica é composta por 6 capítulos e inicia-se com um agradecimento a todos quantos agem em favor da «nossa terra comum» e um apelo ao diálogo, apontando para a grandeza, urgência e beleza do desafio.

O Capítulo 1 «O que está a Acontecer à Nossa Casa» apresenta o conhecimento científico atual sobre as questões ambientais. A «rapidación» ou aceleração dos ritmos da vida «contrasta com a lentidão natural da evolução

1 A autora não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico

biológica». A poluição, as alterações climáticas, o aquecimento dos oceanos e a distribuição da água potável, a diminuição da biodiversidade e a monocultura, a degradação dos espaços urbanos com exclusão dos mais pobres, a desigualdade planetária, são temas que a Encíclica insere na complexidade social, ambiental e política, recordando que a abordagem ecológica é também uma abordagem social que deve integrar a justiça nos debates, para ouvir tanto o «clamor da terra como o clamor dos pobres». No Capítulo 2 «O Evangelho da Criação» o Papa sugere que a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num «diálogo intenso e frutuoso para ambas» e que para resolver os problemas «é necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade». Reinterpreta o «dominar a terra» contido no livro do Génesis por «cultivar e guardar» e aponta passagens do Antigo e do Novo Testamentos que nos podem orientar no sentido da reconciliação com a terra e com as suas criaturas. «A criação é mais do que a natureza», ela pertence à ordem do amor e da contemplação, o silêncio e o mistério são atitudes ecológicas. O Capítulo 3 «A Raiz Humana da Crise Ecológica» concentra-se no «paradigma tecnocrático dominante». O Papa Francisco insiste que «ciência e tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana» mas o desenvolvimento tecnológico submete-se ao lucro e à finança que «sufoca a economia real». O mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral e a cultura ecológica deveria ser um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao seu avanço. Tudo está interligado e é urgente uma nova ética ecológica, porque as leis não bastam. Defende o trabalho como forma de dignificação humana e medidas de apoio aos pequenos produtores e à diversificação da produção. É prudente em relação aos OGM e exorta a investigação e debate científicos mostrando que «a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder». O Capítulo 4 «Uma Ecologia Integral» o Papa Francisco aproxima as questões ambientais das questões humanas e da pobreza. A ecologia integral é um novo paradigma de justiça que integra o ser humano, a realidade natural e as instituições. «A análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos» e a ecologia integral deve atender às culturas dos povos e às culturas locais e não «resolver todas as dificuldades através de normativas uniformes». A ecologia integral significa também «ter apreço pelo próprio corpo» e é inseparável da noção de «bem comum» para o qual contribuem vários grupos, de que a família é um dos principais. O Capítulo 5 «Algumas Linhas de Orientação e Acção» afirma que «a interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projecto comum». A Igreja não pretende definir as questões científicas, nem substituir-se à política, mas convidar a humanidade a um debate honesto e transparente. O Papa apela a «instituições internacionais mais fortes» e ao princípio da subsidiariedade. Cada Estado deve estar atento ao seu território e encorajar as boas práticas, mas trata-se de gerar processos e não de dominar

espaços. «O tempo é superior ao espaço» e a política dos resultados imediatos deve ser substituída pelos interesses das gerações futuras e incluir a beleza, a integridade, a «solicitude e uma criatividade mais generosa». O diálogo das religiões com as ciências deve ser convocado porque a «realidade é superior à ideia». O Capítulo 6 «Educação e Espiritualidade Ecológicas» convida a outro estilo de vida e a outra concepção de liberdade não consumista. O Papa pede uma educação ambiental capaz de incluir a compaixão e a mudança interior e mostra que a espiritualidade encoraja um «estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria» e de imaginar futuros bons para a terra. A ecologia integral requer uma atitude do coração e abertura ao outro, é sóbria e capaz de contemplar o mistério «numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre». O Papa Francisco elogia as virtudes da humildade, da paz interior e conclui a Encíclica com duas orações «Pela nossa terra» e «Com a criação» em que louva o que existe e pede inspiração para a acção.

Esta Encíclica constitui um documento importante para todos e, especificamente, para as comunidades cristãs. Corre um risco, o de ter aparecido cedo demais e de ser esquecida, face ao conservadorismo social e à magnitude das mudanças culturais e ecológicas que propõe e que as questões ambientais actuais exigem. Neste texto aparece também a tensão, muito própria à tradição judaico-cristã, entre uma visão mística da natureza como criação de Deus, geradora de uma ética forte da contenção, do cuidado amoroso e da contemplação, e uma natureza racional e científica, ao serviço da liberdade humana e da evolução positiva da humanidade. A ecologia integral que a Encíclica propõe traz, em muitos aspectos, as marcas do pensamento ecológico sul-americano, centrado na defesa da natureza e dos mais desfavorecidos e é, nesse sentido, um documento de inspiração importante para pensar as questões globais e as diferentes dimensões sócio-ambientais entre o Norte e o Sul. Se esse é um dos seus pontos distintivos, esperando de nós uma consciência implicada, um outro ponto distintivo está na clara abertura da ecologia integral à dimensão interior e espiritual do cristianismo. Estes últimos aspectos poderão contribuir em grande medida para ajudar a repensar as raízes teóricas e as práticas ambientais nos países marcados pela tradição judaico-cristã.